

FEIRAS DE CIÊNCIAS NO SEMIÁRIDO POTIGUAR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE DIFICULDADES E MOTIVAÇÕES DOS PROFESSORES NA FERA

Renato de Souza Araújo Filho¹; Jaene Guimarães Pereira²

¹Graduando em Engenharia Civil pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA),
Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil, renato.filho@alunos.ufersa.edu.br

²Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Resumo

O presente trabalho investiga a temática das feiras de Ciências como estratégia pedagógica na educação básica, com foco na Feira de Exposição Regional Acadêmica (FERA), no Semiárido Potiguar. O objetivo geral é analisar a percepção de docentes da rede pública sobre a feira de Ciências como instrumento de ensino, identificando desafios estruturais e estratégias de superação. A pesquisa, de natureza qualitativa e do tipo estudo de caso exploratório, coletou dados por meio de rodas de conversa com 35 professores, submetidos à Análise de Conteúdo Categorical Temática. Os resultados revelam um cenário de escassez de recursos financeiros e materiais, onde o "fator humano" atua como pilar central de sustentação. A motivação docente é impulsionada pela inclusão social dos discentes, embora evidencie uma sobrecarga individual frente à ausência de suporte estatal. Conclui-se pela urgência de uma maior aproximação entre universidade e escola básica, além de investimento público contínuo para fortalecer a cultura científica regional.

Palavras-Chave: Feira de Ciências; Professor-orientador; Iniciação Científica; Educação Básica; FERA.

Introdução

As feiras de ciências são reconhecidas na literatura acadêmica como uma potente estratégia pedagógica e cultural com elevado potencial motivador para o ensino e a prática científica (Brasil, 2006; Adams, Alves, & Nunes, 2020). Um dos principais diferenciais que a feira de ciências proporciona é a mudança no papel do estudante. O aluno deixa de ser um "receptor passivo de conhecimento" (Machado, Nunes, & Faleiro, 2022) e torna-se um agente

ativo, responsável por investigar, criar e construir seu aprendizado (Soruco, Soares, & Ruppenthal, 2024).

Apesar de seu potencial educacional, sua implementação coerente com a proposta apresentada pela literatura, as feiras de ciências no contexto da escola pública brasileira enfrentam barreiras que vão desde a percepção da feira como um “trabalho extemporâneo” (Souza, 2016) até a precarização estrutural. Os professores relatam vivenciar dificuldades que frequentemente impedem a realização das feiras de ciências, destacando a carência de tempo para se dedicar aos projetos (Sena & Vasconcellos, 2024).

O presente trabalho se debruça sobre essas condições, investigando as percepções, os desafios e as estratégias dos docentes da rede pública que participaram da terceira edição da Feira de Exposição Regional Acadêmica (FERA) realizada no ano de 2025. Este é um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas. A pesquisa parte da seguinte problemática: quais são as principais motivações e os desafios enfrentados pelos professores-orientadores da rede pública de ensino básico no contexto de uma feira de ciências local e regional?

Este trabalho configura-se como um estudo de caso de natureza qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevistas coletivas, no formato de rodas de conversa, com 35 professores orientadores da rede pública participantes da FERA 2025. O material coletado foi submetido à análise de conteúdo categorial temática.

Desenvolvimento

Este é um estudo de natureza qualitativa e como estratégia metodológica central, optou-se pelo estudo de caso. Quanto aos seus objetivos, a pesquisa classifica-se como exploratória, pois busca maior familiaridade com um fenômeno específico, a realidade dos professores orientadores no contexto da FERA. O caso aqui analisado é a experiência coletiva de um grupo específico, os 35 professores orientadores que participaram da FERA 2025, investigado dentro do seu contexto real e contemporâneo, a roda de conversa.

O locus da pesquisa foi a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas, durante a realização da referida feira de ciências, que ocorreu nos dias 18 e 19 de setembro de 2025. Os sujeitos da pesquisa foram trinta e seis docentes das redes municipais e estaduais de educação, todos atuantes na rede pública. A coleta foi dividida em

dois momentos: Dia 18 de setembro de 2025, participaram 18 professores da educação básica, nível 2, focados no 8º e 9º ano, de 12 escolas distintas, provenientes de 7 cidades da região. A roda de conversa no respectivo dia aconteceu no auditório central do Campus Caraúbas das 8h40 às 10h30 da manhã. Esses professores orientavam os vinte projetos que foram apresentados no respectivo dia. Em ambos os dias, um mesmo professor (a) atuou como orientador (a) em mais de um projeto participante.

Já no dia 19 de setembro de 2025, participaram 18 docentes da educação básica, todos atuantes no ensino médio, e orientadores dos projetos expostos no dia, os quais representaram 23 escolas de 16 cidades da região. A roda de conversa foi realizada em uma sala de aula da respectiva instituição. Ao todo, estiveram presentes no dia, 25 orientadores, porém, diferente do dia anterior, nem todos os docentes desejaram participar da roda de conversa, preferindo assim acompanhar os seus orientados em uma visita técnica no Campus. A seleção dos participantes foi intencional, definida por sua participação voluntária no fórum de discussão da FERA e por se enquadrar no perfil de professor (a) orientador (a).

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista coletiva, operada no formato de roda de conversa. A logística, em ambos os dias, foi conduzida pela coordenadora geral da FERA, Profa. Dra. Jaene Guimarães Pereira. A mediadora iniciou a sessão apresentando o projeto FERA, explicando o formato da roda de conversa e estabelecendo o objetivo do encontro: criar um espaço de escuta ativa para que os docentes pudessem expressar suas vivências. Na ocasião, foi informado que o diálogo seria gravado e, com a devida autorização de todos os presentes, os participantes assinaram o termo de consentimento e autorização do material ali produzido.

Após o consentimento, a coleta foi iniciada. Foi dada a liberdade para que os participantes relatassem suas experiências na coordenação de feiras e como professores orientadores, bem como expusessem seus pontos de vista sobre o apoio institucional e as dificuldades enfrentadas no contexto do semiárido. O material primário coletado consiste nas gravações em áudio dessas duas sessões, que foram posteriormente submetidas a uma transcrição literal para constituir o corpus de análise. Para além do registro em áudio, houve a colaboração de uma estudante do curso de Letras Português, que realizou um registro escrito sobre suas impressões acerca do que era discutido.

O processo analítico foi estruturado em três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação. A pré-análise dos dados consistiu na organização

do material e na leitura flutuante das transcrições. Esta etapa permitiu a observação dos dados e a formulação das hipóteses iniciais. A exploração do material foi a etapa em que foram organizadas as falas em categorias para melhor compreensão do panorama estudado sobre a realidade dos (as) docentes diante da participação de feiras de ciências.

Em um processo de categorização, essas unidades foram agrupadas por semelhança nas falas dos (as) docentes. Na fase final, os dados categorizados foram tratados e interpretados. No capítulo de resultados, os achados de cada categoria são apresentados, validados por excertos das falas e postos em diálogo com o referencial teórico da pesquisa.

Resultados e discussões

A análise das falas dos 36 professores participantes das rodas de conversa revelou um panorama complexo, marcado por um consenso sobre as dificuldades estruturais, mas também por uma forte valorização do impacto transformador das feiras de ciências. Os resultados são apresentados por categorias que seguem a sequência das temáticas mais citadas.

Categoria 1: A Precarização Estrutural e Financeira

Este foi, de forma unânime, o ponto central da discussão em ambos os dias. A principal dificuldade apontada pelos professores para a realização de projetos científicos é a falta de recursos financeiros. A fala de um docente sintetiza o sentimento geral do grupo: “Ninguém faz ciência sem investimento”. As queixas não se limitam à organização da feira local, mas concentram-se na impossibilidade de viabilizar a participação dos alunos em eventos para os quais são credenciados, como feiras regionais e nacionais. Foi relatado que a falta de verba para custear viagens, hospedagem e alimentação é o maior fator de desmotivação.

Isso é muito frustrante, pois participamos de feiras como a FERA, ganhamos credencial e não podemos participar porque não temos o recurso para custear as despesas. [...] Para viajar para a FEBRACE, tivemos que fazer uma feijoada. Ganhamos credenciais até para Dubai, mas não tínhamos o recurso. (P4)

A falta de políticas públicas de fomento obriga a adoção de estratégias para o autofinanciamento que precarizam o trabalho docente. É comum o relato de que o professor “tira o recurso do bolso para fazer os banners” ou para custear materiais para continuidade dos

projetos. Um relato chama a atenção para a rotina de “pedir dinheiro” para viabilizar a realização das feiras de ciências e materiais para reconhecimento, como medalhas e troféus: “Nós temos um PIX da escola para arrecadar dinheiro para a feira de ciências e todo dia meu colega manda a chave PIX no grupo dos professores e pede para ajudar” (P11). Essa realidade corrobora a fala de outro participante que afirma: “Participei de cinco feiras regionais, todas elas tive que colocar a mão no bolso, não foi apenas para complementar, mas foi para custear tudo”. (P32)

Essa realidade impõe uma reflexão crítica sobre a ausência do Estado e a consequente responsabilização individual dos sujeitos escolares. Quando um (a) docente afirma: “Participei de cinco feiras com investimento próprio”, evidencia-se uma inversão da lógica pública: se o sistema não sustenta a educação científica, quem o faz?! São os próprios professores, que muitas vezes comprometendo sua renda pessoal, mas não deveria ser assim, o Estado deveria oferecer as condições necessárias para os docentes desempenharem as suas atividades.

Apesar desse contexto, a pesquisa comprova que professores e discentes são capazes de produzir Ciência, apesar de operar na escassez, contudo, impera o questionamento: quais seriam a magnitude e o alcance dos resultados desses projetos se houvesse, de fato, o devido apoio e investimento do Estado? A falta de recursos não apenas limita, mas transfere para os professores o peso de uma responsabilidade que deveria ser institucional.

Em suma, os testemunhos evidenciam que o fazer Ciência nas escolas públicas exigem dos professores um esforço gigantesco para contornar a falta de verbas, a ausência de espaços físicos adequados e equipamentos adequados que deveriam ser oferecido pelo Estado. Diante do cenário, o que se mantém consistente é a dedicação pessoal dos professores que são verdadeiras “mola mestra” da educação.

Categoria 2: O Fator Humano - O Professor como "Mola Mestra"

A realização das feiras depende de uma rede colaborativa que envolve a gestão escolar e discentes, mas o corpus da análise revela que os professores-orientadores acabam assumindo o papel de pilar central dessa estrutura. Como relata um participante: “Por menos recursos que temos, temos o maior deles que somos nós professores. A mola mestra das escolas são os professores”. (P1) Essa percepção do (a) professor (a) como “mola mestra” carrega uma

dualidade preocupante. Ao mesmo tempo em que revela a paixão docente, denuncia uma estrutura que se apoia no voluntarismo para funcionar. O trabalho pedagógico e científico deve ser estruturalmente valorizado e remunerado, não podendo depender exclusivamente da satisfação afetiva como compensação pela precariedade.

Os docentes relataram que a orientação dos projetos é uma responsabilidade que se estende por todo o ano letivo e, por já possuírem suas cargas horárias de aula preenchidas, esse auxílio ocorre em horários distintos, configurando uma sobrecarga de trabalho não remunerada: “Não recebemos hora extra para orientar os alunos nos projetos”. (P18) O relato expõe a precarização vivenciada por esses docentes. Embora seja comovente ouvir em outros momentos sobre a “paga emocional” e satisfação de ver o aluno crescer, essa perspectiva é preocupante quando utilizada para justificar a ausência de condições adequadas de trabalho, pois a sobrecarga de trabalho e trabalho esse não remunerado, impacta diretamente a saúde e a qualidade de vida desses professores e não se pode naturalizar um heroísmo pedagógico que adoece.

Apesar do engajamento, os professores relataram uma lacuna na qualificação para a orientação. Docentes do ensino fundamental (8º e 9º ano) foram enfáticos ao afirmar que “não se sentem preparados” para orientar os alunos na metodologia científica. Essa insegurança revela a necessidade urgente de o docente se reconhecer também como pesquisador. Muitas vezes, a pesquisa é vista como algo sofisticado e distante da sala de aula, gerando angústia, quando na verdade o trabalho docente é por essência, uma pesquisa constante.

Como solução, foi sugerida a necessidade de uma formação continuada com foco em metodologia, e que essa formação fosse oferecida pela universidade dentro da escola, adaptada à realidade local “Quando a universidade promove momentos de formação contínua, como rodas de conversa e capacitações para nós professores, sinto que isso nos incentiva a nos engajar mais nesse processo”. (P29) A fala do (a) professor (a) evidencia que a formação continuada não atua apenas como um suporte técnico metodológico, mas como um elemento de valorização profissional que impulsiona a sua atuação como professor (a) orientador (a).

O desejo expresso por capacitações “adaptadas à realidade local” revela que o professor busca na academia um parceiro ativo para qualificar sua prática. Contudo, a própria necessidade de reivindicar essa presença denota que, atualmente, essa parceria não ocorre de forma orgânica. É justamente essa ausência de um fluxo contínuo de saberes e a dificuldade

de acesso à instituição de ensino superior que fundamentam a crítica central da categoria a seguir.

Categoria 3: A Desconexão Percebida entre Universidade e Escola

Outro ponto de forte consenso foi a “sensação de desconexão” entre a universidade e a escola básica. Os professores relataram que os projetos de extensão da universidade não chegam às escolas como deveriam e que é preciso “estreitar os laços”. Para os professores-orientadores, a universidade precisa inverter a lógica de espera, “A universidade não está mais tão longe do que diz respeito à distância física, é importante que ela vá até as escolas”. (P6)

A demanda central é que a universidade quebre a barreira física e simbólica, adotando uma postura mais ativa e que a universidade possa ir até as escolas e não 30 apenas esperar que as escolas fossem até a universidade. Os docentes veem na universidade um parceiro crucial para o “suporte financeiro”, o “diálogo com políticas e projetos” e a utilização de estruturas laboratoriais.

Em suma, os docentes enxergam na aproximação com a universidade uma via possível para mitigar o sucateamento de suas escolas. Contudo, como essa integração ainda é percebida como insuficiente, o abismo estrutural permanece. A quantidade de projetos desenvolvidos para as escolas ainda se mostra poucos, dada a sua necessidade da comunidade escolar. A falta de recursos e estrutura das escolas tem criado um fenômeno de migração discente, onde as escolas estaduais perdem seus alunos para instituições melhores equipadas.

Categoria 4: A Competição Estrutural com os Institutos Federais

Especialmente na fala dos professores do ensino médio (dia 19), emergiu a dificuldade da “competição estrutural” que as escolas estaduais enfrentam com os Institutos Federais (IFs). A falta de laboratórios nas escolas estaduais ou o fato de serem “sucateados” cria um abismo competitivo. Foi relatada a dificuldade em reter alunos do ensino médio técnico, que migram para os IFs devido à melhor estrutura:

A estrutura das escolas estaduais não tem sido tão atrativa, especialmente pela excelente atuação dos IFs. Mesmo com cursos técnicos, como o de administração, sendo oferecidos pela escola estadual aqui na nossa cidade, os alunos preferem estudar no IF, que fica na cidade vizinha. (P21)

Os docentes reconhecem que este é um dos pontos mais difíceis de combater, pois a decisão dos alunos é influenciada por todos os fatores de precarização citados anteriormente como a falta de laboratórios e verbas, que tornam as escolas estaduais menos atrativas em comparação à infraestrutura dos IFs. Essa desvantagem estrutural evidencia a urgência de políticas de investimento, mas também destaca a resiliência da comunidade escolar local. Mesmo operando à margem da estrutura idealizada encontrada nos IFs, os professores e alunos da rede estadual encontram nas feiras de ciências um mecanismo de superação. A persistência em realizar pesquisa, mesmo diante da escassez, gera competências humanas e sociais que extrapolam a formação técnica, aspecto que constitui o cerne da próxima discussão.

Categoria 5: Estratégias de Resistência e o Impacto Transformador

Há um consenso entre os docentes de que a participação em feiras desenvolve competências que extrapolam o currículo tradicional, como a oratória, a autoconfiança e o método científico. Um dado relevante que emergiu das rodas de conversa foi a materialização da inclusão, evidenciada pela participação ativa de 4 discentes surdos, 2 discentes com TDAH e 1 com deficiência não visível. A Ciência, neste contexto, apresenta-se como uma linguagem universal de inclusão, capaz de integrar e empoderar sujeitos historicamente marginalizados.

Um dos relatos mais potentes da coleta ilustra como a feira desperta sonhos e perspectivas de futuro em estudantes de grupos vulneráveis: “Sou orientadora de um menino surdo, ele tem 15 anos [...] essa é a segunda feira de ciências dele e quando ele entrou no projeto ele falou que queria entrar porque queria andar de avião. Esse era um dos incentivos dele para fazer Ciência”. (P14)

O poder dessa inclusão demonstra que a investigação científica rompe barreiras. Além disso, a feira proporciona a ampliação do capital cultural, atuando como uma verdadeira "ampliação do mundo" para esses estudantes. Para muitos alunos de cidades do interior, o evento representa a primeira oportunidade de mobilidade geográfica. Como relatado por um (a) docente, “muitos dos meus alunos saíram da sua cidade pela primeira vez” (P35), motivados pela FERA, enxergando na educação um meio concreto de transformação de sua realidade.

Esses relatos evidenciam que a feira de ciências atua como um impulsionador de sonhos e de mudança social. Contudo, sustentar essas aspirações sem recursos materiais imediatos exige do corpo docente um esforço adicional. Neste cenário, a criatividade manifestada nas escolas do semiárido transcende o imprevisto, ela se configura como um genuíno ato de resistência política. Fazer ciência nessas condições é recusar a estagnação imposta pela falta de recursos, levando os professores a recorrerem a estratégias próprias para garantir a permanência e o engajamento dos grupos.

Diante da impossibilidade de oferecer incentivos para os alunos, os professores desenvolveram estratégias pedagógicas próprias para manter os alunos engajados. Os relatos apontam três táticas principais adotadas nas escolas: Vinculação Curricular: A participação na feira é frequentemente utilizada como componente da “nota bimestral” ou vinculada ao “Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Ensino Médio” (P10), garantindo a adesão dos estudantes.

Na falta de verba, as escolas criam cerimônias de premiação internas. O uso de “medalhas, troféus e jantares” (P19) surge como uma forma de valorizar o esforço do aluno e suprir a frustração de não poder custear viagens para etapas nacionais. Essas estratégias evidenciam a capacidade de resiliência e a adaptação dos professores para manter a Ciência viva no chão da escola, mesmo sem o suporte financeiro ideal. Todavia, esse esforço contínuo de mobilização não deve ser apenas dos professores ou da escola local. O resultado prático desse engajamento discente converte se em um combustível emocional indispensável para a permanência do professor na orientação de projetos.

Por fim, a análise dos dados sugere que o “pagamento” emocional do professor reside na conquista do aluno. Apesar da exaustão e da falta de reconhecimento financeiro, a narrativa de superação dos estudantes renova o compromisso docente. A fala final de uma participante sintetiza a relação simbiótica entre o esforço do professor e o êxito do aluno, onde o sonho de um se realiza através da conquista do outro:

O sucesso dos meus alunos reflete nas nossas conquistas. Eu enquanto professora tinha o sonho de subir no palco com a bandeira da escola e já realizei um dos meus sonhos. Ainda é viajar de avião. [...] Nós não ganhamos a mais pelas orientações, ganhamos algo que alimenta nossa alma, isso nos dá força para continuar. (P15)

A fala do (a) professor (a) (P15), vai além de um simples relato de experiência e revela a essência da motivação docente no contexto analisado: o sucesso do aluno é apropriado pelo professor como sua própria vitória. Ao afirmar que tais momentos “alimentam a alma”, o (a)

docente expõe a sua emoção que permite a continuidade das orientações dos trabalhos, mesmo em cenários adversos. É essa relação que nos permite concluir, conforme detalhado no capítulo a seguir, que o engajamento pessoal dos professores é a verdadeira “mola mestra” que viabiliza a existência das feiras de Ciências, embora tal dedicação não devesse suprir a responsabilidade do Estado diante da precarização institucional.

Conclusão

Este trabalho alcançou seu objetivo de analisar a percepção dos docentes da rede pública sobre as feiras de Ciências, identificando tanto os entraves quanto as motivações que permeiam o contexto da FERA 2025. A roda de conversa se mostrou eficaz, diante do objetivo, pois cumpriu seu propósito de conhecer e reconhecer as percepções dos docentes da educação básica de ensino, que através da escuta ativa, emergissem não apenas dados, mas sentimentos, frustrações e anseios que questionários padronizados dificilmente captariam.

A análise dos relatos mostra a determinação dos professores, apesar das dificuldades enfrentadas. De um lado, confirmou-se a precarização estrutural: a falta de laboratórios, a escassez de tempo, as salas superlotadas e climatizadas apenas por ventiladores no sertão, e, principalmente, a ausência de financiamento que obriga o professor a custear a ciência com recursos próprios. Por outro lado, evidenciou-se o fator humano como a mola mestra da iniciação científica na educação básica. Contudo, é avaliar a chamada “paga emocional”.

Embora o relato sobre o aluno surdo e os sonhos de mobilidade social sejam comoventes, o engajamento docente não pode se sustentar apenas por afetividade. Essa lógica, muitas vezes, mascara a ausência do Estado e a responsabilização injusta dos sujeitos, levando ao adoecimento docente e à precarização do trabalho. O amor pela educação não deve servir de justificativa para a falta de estrutura e de valorização salarial.

Conclui-se, portanto, que diante de um cenário onde a ciência muitas vezes não é prioridade, o fazer científico nas escolas do semiárido configura-se como um verdadeiro ato político de resistência. As FC e as universidades podem atuar não apenas como palco de avaliação, mas como agentes de transformação pedagógica e social.



Referências Bibliográficas

ADAMS, Fernanda W.; ALVES, Scarlet D. B.; NUNES, Simara M.T. A construção de conhecimentos científicos e críticos a partir de Feiras de Ciências. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 13 (1), pp. 144-160, abr. 2020.

ARAÚJO, Ana Vérica de. **Feira de ciências**: contribuições para a alfabetização científica na educação básica. 2015. 134f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.

BERNARDES, Adriana Oliveira. Feira de Ciências e sua importância no contexto escolar. In: **Open Science Research XII**. Guarujá: Editora Científica Digital, 2023. cap. 69, p. 891-906.

COSTA, L. D. ., Mello, G. J. ., & Roehrs, M. M. . (2019). **Feira de Ciências**: aproximando estudantes da educação básica da pesquisa de iniciação científica. *Ensino Em Re-Vista*, 26(2), 504-523.

KRASILCHIK, Myriam. **Professor e o currículo das ciências**. São Paulo: Epu/USP.

MAGALHÃES, D. C. ., Massarani, L. ., & Rocha, J. N. . (2022). Memórias das Feiras de Ciências: entrevistas com participantes das Feiras estudantis de Ciências das décadas de 1960 e 1970 em São Paulo. **Linguagens, Educação E Sociedade**, 26(51), 234–267.

MAGALHÃES, D. C., Massarani, L., & Rocha, J. N. (2019). 50 anos da I Feira Nacional de Ciências (1969) no Brasil. *Interfaces Científicas - Humanas E Sociais*, 8(2), 185–202.

MANCUSO, R.; LEITE FILHO, I. Feiras de Ciências no Brasil: uma trajetória de quatro décadas. In: BRASIL. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional de Apoio às Feiras de Ciências da Educação Básica**. Brasília, 2006.

SENA, Flaviane Barbosa; VASCONCELLOS, Ruan Managna. **Importância da feira de iniciação científica para a valorização do conhecimento no ensino médio em tempo integral**. 2025. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências da Natureza) – Instituto Federal do Espírito Santo, Colatina, 2024.

SORUCO, T. M. de O. ., Soares, R. G. ., & Ruppenthal, R. (2024). Feira de Ciências e suas contribuições para o desenvolvimento do letramento científico nos anos finais do ensino fundamental. **Vivências**, 20(40), 285–299.

SOUZA, Thaianne Lopes de. Concepções dos professores da educação básica sobre as feiras de ciência. 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

